

O PRÍNCIPE¹⁴

I - DE QUAIS GÊNEROS SÃO OS PRINCIPADOS E COMO SÃO CONQUISTADOS

1. Todos os *estados* e todos os regimes que tiveram e têm poder <*império*> sobre homens foram e são repúblicas ou principados. Os principados ou são hereditários, quando a estirpe de seu senhor vem governando por longo tempo, ou são novos. Os novos ou são totalmente novos, como foi Milão para Francesco Sforza, ou são membros anexados ao *estado* hereditário de um príncipe que os conquista, como é o reino de Nápoles para o rei da Espanha. Os domínios assim conquistados ou estão acostumados a viver sob um príncipe ou habituados a serem livres, ou foram conquistados com armas de outrem ou com armas próprias, ou por fortuna ou por *virtù*.

III - DOS PRINCIPADOS MISTOS

1. Mas é no principado novo que residem as dificuldades. Primeiramente, se não é um principado totalmente novo, mas membro anexado

¹⁴ A tradução foi realizada a partir da edição de *Il Príncipe*, estabelecida por VIVANTI, C. *Opere*. Torino: Einaudi-Gallimard, 1997.

a outro, que no conjunto pode ser chamado de quase misto, as suas *variações* nascem principalmente de uma dificuldade natural comum a todos os principados novos, a saber: que os homens trocam de senhor de bom grado acreditando melhorar e esta crença os faz pegar em armas contra o atual senhor. Mas se enganam, porque depois percebem pela própria experiência que pioraram. Isso decorre de uma outra necessidade natural e ordinária, que faz com que seja inevitável ofender aqueles de quem se torna príncipe novo, com exércitos e com outras infinitas injúrias que se seguem à nova conquista. De modo que tu tens por inimigo todos aqueles que ofendestes ao ocupar o principado. Além disso, não podes ter por amigos aqueles que ali te colocaram, por não seres capaz de satisfazê-los da maneira como esperavam e por não poderes usar contra eles remédios fortes, pois lhes deve obrigações. (...)

VI - DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SÃO CONQUISTADOS COM VIRTÙ E ARMAS PRÓPRIAS

1. Que ninguém se espante se, para falar dos principados completamente novos, relativamente ao príncipe e ao *estado*, eu me valha de exemplos eminentes. Como os homens percorrem vias já trilhadas por outros e os *imitam* em suas ações, mas sem poder conservar totalmente os mesmos caminhos, nem alcançar a *virtù* daquele que tu imitas, deve um homem prudente seguir as vias abertas pelos grandes homens e imitar aqueles que foram excelentes, para que, se sua *virtù* não se igualar à deles, ao menos tenha algum de seus traços. Deve-se fazer como os arqueiros prudentes que, por julgarem estar demasiado longe do lugar que desejam acertar, colocam a mira muito mais alta do que o lugar destinado, para poder, com o uso de tal artifício, alcançar o seu próprio desígnio.

2. Digo então que os principados completamente novos, onde há um novo príncipe, encontram mais ou menos dificuldades para serem mantidos, segundo é mais ou menos virtuoso aquele que os conquistam. E como a passagem de cidadão privado a príncipe pressupõe ou *virtù* ou fortuna, parece que uma dessas duas coisas mitiga em parte as dificuldades. Contudo, o príncipe que depende menos da fortuna é mais capaz de conservar-se. (...)

3. Mas, para considerar os que, pela própria *virtù*, e não pela fortuna, tornaram-se príncipes, digo que os mais excelentes foram Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu e outros similares. Ainda que não se deva discorrer sobre Moisés, por ter sido ele mero executor das coisas que lhe eram ordenadas por Deus, ele deve também ser admirado pela graça que o tornava digno de falar com Deus. Mas, se considerarmos Ciro e os outros que conquistaram ou fundaram reinos, tu acharias a todos admiráveis. Se considerássemos ainda as suas ações e *ordenações* particulares, elas não parecerão discrepantes daquelas de Moisés, que teve tão grande preceptor. Vê-se, examinando as suas ações e suas vidas, que não receberam da fortuna nada mais que a ocasião que lhes deu a matéria sobre a qual poderiam introduzir a forma que desejavam. Sem aquela ocasião, a *virtù* de seu ânimo teria sido perdida, e, sem aquela *virtù*, a ocasião teria vindo em vão.

4. (...) Tais ocasiões, portanto, fizeram estes homens felizes e a sua *virtù* excelente fez a ocasião ser reconhecida, do que fez com que a pátria deles fosse enobrecida e se tornasse felicíssima.

5. Aqueles que, por vias virtuosas, semelhantes àquelas dos homens excelentes, tornam-se príncipes, conquistam o principado com dificuldade, mas com facilidade o conservam. As dificuldades que enfrentam depois de conquistar o principado têm origem, em parte, nos *novos modos* e *ordens* que são forçados a introduzir para fundar o seu *regime* e para garantir a sua segurança. Deve-se convir que não há coisa mais difícil de tratar, mais duvidosa de se conseguir, mais perigosa de se manejar, que se fazer senhor instituindo novas *ordenações*, porque o seu instituidor tem por inimigos todos aqueles que se beneficiavam das velhas *ordenações* e tem tépidos defensores entre aqueles que as novas *ordenações* beneficiariam. Esta tepidez nasce em parte do medo aos adversários, que têm as leis ao seu lado, e, em parte da incredulidade dos homens, que não creem verdadeiramente nas coisas novas se não as veem comprovadas por uma sólida experiência. Disso resulta que toda vez que aqueles que são inimigos têm ocasião de atacá-lo fazem-no ferozmente e aqueles outros defendam-no tepidamente. De modo que, ao lado destes últimos, corre-se perigo.

6. Para bem discorrer sobre este tema, é necessário examinar se estes inovadores dependem de si mesmos ou de outros, isto é, se, para levar adiante as suas obras, é preciso que peçam ou se verdadeiramente podem se impor. No primeiro caso vai-se sempre mal e não se chega a lugar nenhum, mas quando dependem apenas de si e podem se impor, raras vezes correm riscos. Donde resulta que todos os profetas armados vencem e os desarmados se arruinam. Pois, além das coisas ditas, a natureza dos povos é inconstante, de modo que é fácil persuadi-los de algo, mas é difícil firma-los na crença. É necessário, portanto, que o *estado* esteja *ordenado* de tal modo que, quando não acreditarem mais, se possa fazê-los crer à força. Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo não teriam garantido a observância de suas constituições se estivessem desarmados, como, em nosso tempo, ocorreu ao frei Jerônimo Savonarola, o qual teve arruinadas suas novas *ordenações* quando a multidão deixou de acreditar e ele não dispunha de modos nem para conservar inalteráveis aqueles que nele tinham acreditado nem para fazer os incrédulos acreditarem.

7. (...)

IX - DO PRINCIPADO CIVIL

1. Mas consideremos outro caso, em que um cidadão privado, não por crueldade ou outra violência intolerável, mas pelo favor de seus concidadãos, torna-se príncipe da sua pátria. Este pode ser chamado de principado civil. Para se chegar a ele, não é necessário nem toda *virtù* nem toda fortuna, mas sim uma astúcia afortunada. Digo que se ascende a este principado ou com o favor do povo ou com aquele dos grandes. Como em toda cidade se encontram estes dois diferentes humores, disso decorre que o povo não deseja ser comandado nem oprimido e que os grandes desejam comandar e oprimir o povo. Destes dois apetites diversos nasce um dos três efeitos: ou um principado, ou uma república, ou a licença. O principado é engendrado ou pelo povo ou pelos grandes, conforme a ocasião favorecer uma ou outra parte. Os grandes, ao notarem que não podem resistir ao povo, começam a favorecer a reputação de um dentre eles, para transformá-lo em príncipe e poderem, sob sua sombra, desa-

fogar o seu apetite. O povo, por não poder resistir aos grandes, também favorece a reputação de um cidadão e o faz príncipe para ser protegido pela sua autoridade.

2. Aquele que chega ao principado com a ajuda dos grandes se mantém com mais dificuldade do que aquele que se torna príncipe com a ajuda do povo, porque tem ao seu redor muitos cidadãos que pensam ser seus iguais, e, por isso, não os pode comandar nem governar a seu modo. Mas aquele que chega ao principado com o favor popular, se encontra sozinho e tem em torno de si ninguém ou pouquíssimos que não estejam prontos a obedecer. Além disso, não se pode honestamente satisfazer aos grandes sem injuriar os demais, mas ao povo sim é possível satisfazer, porque suas aspirações são mais honestas do que a dos grandes, uma vez que estes querem oprimir e aqueles não serem oprimidos. Ademais, um príncipe não pode jamais se defender do povo inimigo, por serem muitos, ao passo que, dos grandes é possível sim se defender, por serem poucos. O pior que pode esperar um príncipe do povo inimigo é ser abandonado por ele. Mas, dos grandes inimigos, não apenas se deve temer ser abandonado como também que eles o ataquem, porque, tendo eles mais visão e astúcia, sempre se previnem em tempo de se salvar e procuram os favores daqueles que esperam que prevaleça. É necessário ainda que o príncipe viva sempre com o mesmo povo, mas pode sim prescindir dos grandes, podendo fazê-los e desfazê-los todos os dias e tirar-lhes e conceder-lhes autoridade como bem queira.

4. Portanto, quem se torna príncipe pelo favor do povo deve mantê-lo amigo, o que é tarefa fácil, visto que apenas pede não ser oprimido. Mas, quem se torna príncipe com o favor dos grandes, e contra o povo, deve, antes de mais nada, procurar conquistá-lo, o que é fácil quando o coloca sob sua proteção. Pois, os homens, quando recebem o bem de quem esperavam o mal, vinculam-se mais rapidamente ao seu beneficiário, tornando-se ainda mais benevolentes do que se o tivessem conduzido ao principado com o seu próprio apoio. (...). Concluirei dizendo apenas que a um príncipe é necessário ter o povo como amigo, pois, de outro modo, não terá remédio na adversidade. (...).

XV – DAS COISAS PELAS QUAIS OS HOMENS, E ESPECIALMENTE OS PRÍNCIPES, SÃO LOUVADOS OU VITUPERADOS

1. Resta agora examinar os modos e os comportamentos de um príncipe em relação aos súditos e aos amigos. Como eu sei que muitos escreveram sobre a questão, duvido que não seja tomado por presunçoso ao reexaminá-la, principalmente por partir, na discussão sobre esta matéria, de argumentos já apresentado por outros. Mas, como minha intenção foi a de escrever algo de útil a quem quiser ouvir, pareceu-me mais conveniente buscar a *verdade efetiva*¹⁵ das coisas do que aquilo que delas se imaginou. E muitos imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e que nem existiram de fato. Pois, é tão distante o modo como se vive do modo como se deveria viver que aquele que deixa aquilo que se faz por aquilo que se deveria fazer conhece antes a sua ruína do que a sua conservação, porque um homem que queira fazer profissão de bom é provável que se arruíne entre tantos que não são bons. Onde é necessário a um príncipe que queira se conservar aprender a não ser bom e disso se valer segundo a necessidade.

2. Deixando de lado, portanto, as coisas que sobre um príncipe foram imaginadas e discorrendo sobre aquelas que são verdadeiras, digo a este respeito que todos os homens, e principalmente os príncipes, por ocuparem as mais altas funções, são vistos por meio de certas qualidades, que lhe trazem desaprovação ou louvor. Isto é, alguns são tidos por liberais, outros por miseráveis (para usar um termo toscano, porque avarro em nossa língua é ainda aquele que por rapina deseja ter; nós usamos miserável em nossa língua para designar aquele que muito se abstém de usar as suas próprias coisas); alguns são tidos por pródigos, outros, por rapaces; alguns, por cruéis, outros, por piedosos; um, traidor, outro, fiel; um efeminado e pusilânime, outro feroz e animoso; um, humano, outro, soberbo; um, lascivo, outro, casto; um íntegro, outro, astuto; um, severo, outro, condescendente; um, grave, outro, fútil; um, religioso, ou-

¹⁵ Aqui está em questão um recurso metodológico de Maquiavel. Este recurso permite dar um uso ao pensamento diverso do tradicional e mais adequado aos problemas de ordem política. Valendo-se de tal instrumental, o autor estabelece uma reflexão que consegue retirar lições das circunstâncias e casos analisados, encontrando os seus elementos estruturantes.

tro incrédulo; e assim por diante. Eu sei que muitos confessarão que seria algo bastante louvável a um príncipe ter, dentre todas as qualidades mencionadas, aquelas que são tidas como boas. Mas, como não é possível tê-las todas nem observá-las inteiramente, porque a condição humana não o permite, é necessário que saiba ser tão prudente de modo a evitar a infâmia dos vícios que o fariam perder o *estado* e guardar-se dos que não o levassem a perdê-lo, se lhe for possível. Se não, pode-se sem muita preocupação deixar-se levar. Não se preocupe também em incorrer na infâmia dos vícios sem os quais não se pode facilmente salvar o *regime*, porque, se tudo for bem considerado, encontraremos certas qualidades que parecem virtudes, mas que provocariam a sua ruína, se fossem observadas, ao passo que outras que pareciam vícios, mas, ao serem observadas, geram a sua segurança e o seu bem estar.

XVIII – DE QUE MODO O PRÍNCIPE DEVE OBSERVAR A FÉ NA PALAVRA DADA

1. Todos compreendem o quanto seja louvável a um príncipe manter a palavra dada e viver com integridade e não com astúcia. Contudo, pela experiência de nossos tempos, vê-se que certos príncipes realizaram coisas notáveis, mas tiveram em pouca conta a fé dada e souberam com astúcia manejar a cabeça dos homens. Superaram, enfim, aqueles que se apoiaram na sinceridade.

2. Deveis saber que existem dois gêneros de combate, quais sejam: um, com as leis, outro, com a força. Aquele primeiro é próprio do homem, o segundo, das bestas. Mas, como o primeiro muitas vezes não basta, convém recorrer ao segundo. Portanto, a um príncipe é necessário saber usar bem a besta e o homem. Os escritores antigos ensinaram veladamente esta matéria aos príncipes quando mostraram como Aquiles e muitos outros dos príncipes antigos ficaram aos cuidados do centauro Quíron, que os educava sob sua disciplina. Ter um preceptor meio homem meio besta não quer dizer nada mais senão que é necessário a um príncipe saber usar ambas as naturezas, pois, uma sem a outra não é durável.

3. Portanto, é necessário a um príncipe saber usar bem da besta,

levando em consideração a raposa e o leão, porque o leão não é capaz de se defender dos laços e a raposa não sabe se defender dos lobos. É necessário ser raposa para conhecer os laços e leão para amedrontar os lobos. Aqueles que se preocuparem apenas com a natureza do leão não compreenderão que um senhor prudente não pode nem deve observar a palavra dada quando esta voltar-se contra ele e quando as razões que o fizeram prometer desaparecerem. Se os homens fossem todos bons, este preceito não seria necessário. Como, porém, eles são maus e por isso não observarão a palavra dada em relação a ti, tu também não deves observar a palavra dada a eles. Ainda mais porque a um príncipe jamais faltaram razões legítimas para justificar a sua inobservância. (...). Mas é necessário saber bem colorir esta natureza e ser grande simulador e dissimulador, pois, os homens são tão simples e tanto obedecem às necessidades presentes que aquele que engana encontrará sempre quem se deixa enganar.

5. A um príncipe, portanto, não é necessário ter de fato todas as supramencionadas qualidades, mas é necessário parecer tê-las. Antes, ousarei dizer que tê-las todas e observá-las sempre é danoso, mas, aparentar tê-las é útil, como, por exemplo, parecer piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso, e sê-lo, mas estar de tal modo predisposto que, precisando não sê-lo, possas e saibas se transformar no oposto. Deve-se compreender que um príncipe e sobretudo um príncipe novo não pode observar todas aquelas qualidades pelas quais os homens são chamados de bons, por frequentemente necessitar, para manter o *estado*, agir contra a fé, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião. É preciso, porém, que tenha um ânimo predisposto a mudar conforme os ventos da fortuna e as variações das coisas exigirem. E, como se disse acima, caso seja possível, não deve se afastar do bem, mas, se for necessário, deve saber praticar o mal.

6. Deve, então, um príncipe ter cuidado para jamais deixar escapar de sua boca coisas que não estejam plenas das sobreditas cinco qualidades (...). Pois, os homens em geral julgam mais com os olhos que com as mãos. Todos veem aquilo que tu aparentas, poucos sentem aquilo que tu és, e estes poucos não ousam se opor à opinião de muitos que têm o poder do *regime* para defendê-los. Nas ações de todos os homens, e prin-

principalmente na dos príncipes, por não haver juiz a quem recorrer, leva-se em conta o resultado final.

7. Um príncipe deve portanto conquistar e manter o *estado*. Os meios serão sempre julgados honrados e por todos serão louvados, porque o vulgo está atento às aparências e ao resultado final da ação. E no mundo não há senão o vulgo, e a minoria não terá lugar onde a maioria tem onde se apoiar. (...)

XXV - O QUANTO PODE A FORTUNA NAS COISAS HUMANAS E DE QUE MODO SE LHE DEVE RESISTIR

1. Não desconheço que muitos foram e são de opinião de que as coisas do mundo são de tal modo governadas pela fortuna e por Deus que os homens não podem corrigi-las com a sua prudência; dizem, além do mais, não haver nenhum remédio contra elas. Por isso, julgam que não se deve empenhar muito em tais coisas, mas deixar-se governar pela sorte. (...). Contudo, para que o nosso livre arbítrio não seja eliminado, parece ser verdade que a fortuna seja árbitra de metade de nossas ações, mas também que ela deixa a outra metade, ou quase, ser governada por nós. (...). De modo semelhante intervém a fortuna que mostra o seu poder onde não está ordenada nenhuma *virtù* que possa resistir-lhe. Então, volta seu ímpeto para onde sabe que não foram construídos diques nem defesas para contê-la. Se vós considerais a Itália, que é o lugar destas variações e a que lhes deu movimento, vereis ser um campo sem diques e sem defesas (...)